

Leitura significativa – prática em todas as disciplinas do currículo escolar

Maria Bernadete Mustifaga*
Juliane Goettms**

Resumo

O presente artigo visa a apresentar a pesquisa intitulada *Leitura Significativa – prática em todas as disciplinas do currículo escolar*, realizada em 2007, que envolveu escolas estaduais e municipais de São Miguel do Oeste, a fim de discutir com os professores de todas as disciplinas questões referentes à leitura, uma vez que todos se utilizam dela em suas aulas e precisam torná-la significativa, para que os alunos compreendam e internalizem os conhecimentos. Para a realização da presente pesquisa foram aplicados questionários para professores e alunos e realizados encontros com os professores para discussão acerca do estudo sobre leitura. Posteriormente, alguns professores descreveram atividades realizadas em sala de aula para análise de como a leitura é trabalhada em cada disciplina. Palavras-chave: Leitura significativa. Conhecimento. Currículo escolar.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa foi desenvolvida com base no projeto *Leitura Significativa – prática em todas as disciplinas do currículo escolar*, a qual deu sequência a duas

* Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (2002); Mestre em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (1996); Graduada em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (1991); professora titular da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Rua Duque de Caxias, 3455, 89900-000, São Miguel do Oeste, SC, Brasil; mustifaga@unoescsmo.edu.br

** Especialista em Língua Portuguesa.

pesquisas realizadas anteriormente, a primeira, *Leitura Significativa* – metodologias existentes, realizada pela professora Maria Bernadete Mustifaga e a acadêmica Elizandra Shütz, em 2004 e 2005, e a segunda, *Leitura Significativa* – metodologias necessárias, realizada pela professora Sofia Kaminski Corso e a acadêmica Juliane Goettms, em 2006.

Partindo dos dados das pesquisas anteriores e de novas coletas, teve como principal objetivo contribuir com o desenvolvimento da leitura significativa, não somente nas aulas de Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas, uma vez que todos os professores se utilizam da leitura nas aulas e precisam dar atenção à significação.

Considerando o princípio de que não existe aula sem leitura, entende-se que todos os professores precisam dar atenção à interpretação e compreensão de textos, sejam eles escritos, sejam visuais, orais, visando à construção e internalização de conhecimentos significativos em todas as áreas e a formação de um sujeito capaz de inferir novos conhecimentos com sabedoria para colocá-los em prática.

Percebe-se, nas escolas, a necessidade de levar ao conhecimento dos professores, o processo da leitura significativa para que, posteriormente, possam desenvolvê-lo com os alunos.

2 LEITURA SIGNIFICATIVA: PRÁTICA EM TODAS AS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO ESCOLAR

Objetivando trabalhar a leitura significativa com os professores de todas as disciplinas fez-se necessário, primeiramente, entender como ocorre esse processo e proporcionar o entendimento aos professores. A leitura significativa é a que remete ao entendimento de conhecimentos que façam sentido para quem lê. Para isso, o primeiro passo é a seleção de materiais adequados, significativos e relevantes aos alunos, o estabelecimento de relações com a realidade, com o conhecimento de mundo e com os conhecimentos prévios, e isso deve ser feito por todos os professores, uma vez que:

Cabe à escola, em meio a tantas mudanças tecnológicas e sociais, estimular a leitura, melhorar as estratégias, principalmente de compreensão (um dos principais problemas de aprendizagem, segundo os exames de avaliação

nacionais e internacionais) e oferecer muitos e variados textos. Dos caminhos a seguir, dois favorecem a intimidade dos alunos com o texto: ensinar a estabelecer previsão e inferência, estratégias que são invocadas na prática da leitura, logo no primeiro contato com o texto, e que devem ser “provocadas” conscientemente pelo professor na prática de leitura. (BENCINI, 2003, p. 1).

Também, é importante que o professor se prepare para expor o texto, que comente sobre o assunto antes da leitura para que os alunos possam debater acerca dos conhecimentos que possuem, assim também instigará a curiosidade para que interajam com atenção, pois se percebe que: “[...] o leitor já não lê mais com a atenção devida, por querer economizar tempo, para ler mais (ou menos) ou para fazer outras coisas.” (GONÇALVES; RIBEIRO, 2007, p. 163).

Após a leitura, torna-se necessário debater novamente o assunto para analisar se o conhecimento dos alunos foi ampliado, registrar as ideias, produzir materiais, formar opinião, buscar novos materiais para ampliar mais o assunto. Todas essas são atividades que devem ser desenvolvidas em uma sala de aula onde o professor pretende e tem a responsabilidade de tornar a leitura significativa.

Na maioria das escolas, o trabalho com leitura, compreensão e interpretação é deixado apenas a cargo dos professores de Língua Portuguesa, por isso, percebeu-se a necessidade de envolver-se nesse contexto, no intuito de propor metodologias de acordo com as necessidades das escolas e dos professores de todas as disciplinas, objetivando o processo de ensino-aprendizagem significativo por meio da leitura.

É preciso esclarecer que para a leitura ser significativa, as informações que o aluno encontra no texto precisam contribuir para ampliar seus conhecimentos, seus interesses e atingir seus objetivos. Além disso, os alunos precisam perceber que os textos são uma forma de comunicação e de interação social, torna-se “[...] primordial no ensino da leitura o desenvolvimento da consciência crítica de como a linguagem reflete as relações de poder na sociedade por meio das quais se defrontam leitores e escritores.” (MOITA LOPES, 2002, p. 143).

Também, é responsabilidade dos professores incentivar os alunos a criarem o hábito de ler, pois, por meio dessa atividade, os alunos tornam-se capazes de buscar novos conhecimentos, aprimorar os já possuídos, fazer uso desses para compreender a sociedade e interagir nela.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que a formação de leitores não pode ficar somente a cargo do professor de Língua Portuguesa, mas abranger a todas as disciplinas, uma vez que todos os professores fazem uso da leitura em suas aulas. Além disso, deve-se envolver os bibliotecários, pois precisam tornar o ambiente da biblioteca atrativo e interessante para proporcionar o gosto e o hábito pela leitura.

Quanto à questão de como tornar a leitura significativa é importante lembrar que não é uma questão exclusivamente de métodos, é necessário que os professores criem condições para que os alunos desenvolvam o aprendizado, analisando as conexões entre textos e realidade, entre textos e conhecimento de mundo, conhecimento prévio, intertextualidade, ideologias. A leitura significativa requer análise do discurso.

Na atualidade, a busca por novos conhecimentos é indispensável, já que se vive na sociedade da informação, da tecnologia, das novas descobertas, e tudo exige atualização, e “[...] a tarefa do futuro é a educação permanente, ou, melhor ainda, a autoeducação permanente.” (BAMBERGER, 1998, p. 12).

Para isso é necessário entender que, na escola, os textos precisam ser trabalhados, primeiramente, com a mediação do professor, a fim de que os alunos possam compreender e interpretar. Essa mediação será reduzida gradativamente de forma que proporcione autonomia aos alunos para explorar o texto, expor suas ideias e discutir o assunto. É importante valorizar a leitura que o aluno faz fora da sala, abrindo espaço para que fale sobre o que leu, isso serve como incentivo para construir o hábito.

Outro ponto que se ressalta é a importância de partir do estudo da realidade no intuito de buscar soluções para que a leitura seja significativa, pois “[...] não podemos esperar que ‘especialistas’ distantes tomem decisões pelos professores” (SMITH, 1997, p. 136), dizendo o que fazer e o que não fazer. As teorias existem para contribuir e são importantes, no entanto, a análise da realidade é indispensável para que os professores saibam como agir em relação à leitura.

Todos os professores, de todas as disciplinas, precisam saber como acontece o processo da leitura significativa, e partir desse conhecimento e da análise de seus alunos para optar por atividades a serem trabalhadas em sala de aula, pois não há um método único a ser desenvolvido para tornar a leitura significativa.

Ao se pensar a leitura, na escola, precisa-se ter consciência de que se trata de um processo muito abrangente, pois a leitura é:

[...] ao mesmo tempo um meio de buscar informações e de prazer. Mais do que um instrumento para ensinar os conteúdos das disciplinas curriculares ela é competência fundamental para inserir pais, professores e alunos na cultura letrada. (FERRARI, 2005, p. 35-42).

Sendo assim, os professores devem atribuir à leitura objetivos concretos para ser alcançados com os alunos, não apenas levar textos para que eles tomem conhecimento de algum conteúdo do currículo, mas para que eles tenham a capacidade de entender e pensar criticamente acerca do assunto presente no texto.

Conceituando o pensar criticamente, é importante saber que isso não significa concordar ou discordar de tudo, porém analisar os conhecimentos de acordo com a realidade e ser capaz de inferir novo conhecimento a partir do que fora apresentado no texto. Leitura crítica e significativa, então, é um passo fundamental para a construção do conhecimento significativo e relevante.

Para tornar a leitura significativa é fundamental a contextualização do conhecimento apresentado pelo material de leitura. Nesse ponto do processo torna-se necessário entender o que quer dizer contextualização. A contextualização é muito mais do que comparar com a realidade, comparar com outros textos e outras realidades. Pode-se contextualizar dentro do próprio conteúdo, dependendo do assunto, pode-se imaginar uma aula sobre divisão celular; os estudantes precisam saber o que é DNA para entenderem o processo, portanto, o DNA passa a ser o objeto de estudo que faz sentido nesse conteúdo.

Percebe-se, então, que contextualizar é dar sentido aos conteúdos, mostrar sua significância, já que uma informação que não apresenta sentido e significado aos alunos não é compreendida, tampouco internalizada, e não contribuirá com os objetivos de construção do conhecimento.

Outro ponto importante a ser discutido é a interdisciplinaridade. Mais um conceito que passa por maus entendimentos. Trabalhar de forma interdisciplinar não é, simplesmente, todos os professores abordarem um mesmo assunto para explicar seus conteúdos, como acontece em alguns casos, por exemplo: em tempo de copa do mundo, os professores resolvem trabalhar acerca do tema. O professor de Artes pede para os alunos desenharem as bandeiras dos países parti-

cipantes da copa, o de Geografia estuda as características do país-sede, o professor de História pede para fazerem uma pesquisa sobre os países, o de Educação Física fala sobre os esportes.

O verdadeiro sentido da interdisciplinaridade acontece quando um professor trabalha acerca de um assunto e aborda temas referentes a outras disciplinas. Quando um professor de Língua Portuguesa trabalha um texto sobre alimentação e aborda questões referentes aos conteúdos de Ciências faz interdisciplinaridade. Agora, retoma-se o ponto principal de discussão, a leitura, “[...] um compromisso de toda a escola.” (NEVES, 1999, p. 9). Para que toda a escola se envolva no processo é preciso que todos os professores tenham “[...] um conhecimento profundo das características de ler e escrever na sua área de atuação.” (NEVES, 1999, p. 9).

A partir do momento em que os professores pensarem em elaborar metodologias de leitura que promovam o crescimento pessoal, possibilitem melhor organização social dos estudantes, e mais elevado nível intelectual, em todas as disciplinas, a leitura será significativa e os conhecimentos relevantes para os alunos.

Os alunos precisam saber “[...] localizar a nova informação pela leitura de mundo, e expressá-la, escrevendo para o mundo” (NEVES, 1999, p. 11); sendo assim, uma leitura significativa gera escrita significativa e somente sabemos que um aluno realmente entendeu o que leu quando é capaz de expressar as ideias com suas próprias palavras, seja oral, seja por escrito.

Outro ponto a se ressaltar quanto à leitura é que:

[...] uma leitura chama o uso de outras fontes de informação, de outras leituras, possibilitando a articulação de outras áreas da escola. Uma leitura remete a diferentes fontes de conhecimentos, da história à matemática. Nesse sentido, leitura e escrita são tarefas fundamentais da escola e, portanto, de todas as áreas. Estudar é ler e escrever. (NEVES, 1999, p. 117).

Desse modo, é um compromisso que precisa ser assumido por todos os professores e, também, por todos os alunos diante de todas as disciplinas. Muitas vezes, além dos professores das diversas disciplinas pensarem que as tarefas de leitura, interpretação, compreensão e produção são ligadas à disciplina de Língua Portuguesa, essa ideia também já está internalizada nos alunos, que reclamam quando um professor de outra disciplina se propõe a fazer um trabalho de interpretação.

É por isso que os trabalhos com a leitura significativa em todas as disciplinas terão de iniciar com uma conscientização dos professores e dos alunos quanto à importância da leitura, para um trabalho de formação de leitores. Todavia, essa formação de leitores não ocorrerá em curto espaço de tempo, irá se construir ao longo do período em que os alunos permanecerem na escola.

Para os professores, de todas as disciplinas, que estejam preocupados com a formação de leitores, é importante considerar que precisam dar o exemplo, fazer com que os alunos os vejam lendo, pois “[...] para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura.” (KLEIMAN, 2001, p. 15).

Também é importante que os professores estejam inteirados sobre o conhecimento de mundo e conhecimento prévio dos alunos no momento de selecionar textos e sempre pensar em criar condições e possibilidades para ampliar esses conhecimentos, isso quer dizer que se parte do conhecido para chegar ao desconhecido e não se vai diretamente ao desconhecido.

Reforçando a ideia de que a leitura significativa precisa estar presente em todas as disciplinas, Smith (1997, p. 10) ressalta que “[...] a análise da leitura também proporciona uma melhor compreensão dos assuntos referentes à matemática, à ciência ou à música”, ou seja, em todas as áreas.

Voltando à questão dos métodos, quando se diz que não há um método para tornar a leitura significativa é por que, na verdade, “[...] a leitura é conquistada com a experiência e não com o ensino” (SMITH, 1997, p. 13), ou seja, são as várias experiências e o contato com a leitura que for proporcionado aos alunos que fará com que a leitura seja significativa. Também não será de um momento para outro que o aluno conquistará essa capacidade e sim em um processo contínuo durante a escolarização e mesmo depois, fora da escola.

Parafraseando Smith (1997), o significado está além das palavras, ou seja, não são as palavras impressas ou oralizadas que dão sentido a um texto, mas sim, o leitor, a partir de seus conhecimentos prévios, de suas informações não visuais, que atribui sentido ao texto ou às palavras que lê.

Sendo assim, para tornar a leitura significativa, o professor precisa mostrar aos alunos como ocorre essa formação de sentidos, mediar as interpretações, mostrando as entrelinhas, os subentendidos, as ideologias, contextualizando os textos, e, com o passar do tempo, reduzir a mediação, a fim de que os alunos desenvolvam essa capacidade e interpretem cada vez de forma mais autônoma.

2.1 LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Sabe-se que ler não se limita a decodificar símbolos, é um processo muito amplo de produção de sentido. Essa produção de sentido não será a mesma para todos os alunos, pois diante de um texto, cada um irá basear-se em seus conhecimentos prévios e de mundo para compreendê-lo: Ler é produzir sentido; ensinar a ler é contextualizar textos: o leitor atribui ao texto que tem diante de si o sentido que lhe é acessível (NEVES, 1999, p. 135).

Sendo assim, os professores precisam proporcionar aos alunos o acesso aos mais variados conhecimentos, para que, quando se depararem com um texto, tenham subsídios para a sua interpretação e compreensão, ou seja:

[...] condições para que dominem a língua escrita, não só como conjunto de leis que regem a correta grafia das palavras e o conjunto das regras sintáticas que orientam a estruturação das frases, mas também como um complexo histórico-cultural que vem produzindo interpretações de textos reconhecidos como especialmente significativos para a constituição histórica cultural expressa nessa língua escrita. Ensinar português aos alunos para que se tornem capazes de entender os textos que leem e não se limitar a estigmatizá-los como incapazes de entender o que leem. (NEVES, 1999, p. 139).

Muitas vezes, os professores de Língua Portuguesa são sobrecarregados com os trabalhos de interpretação, que ficam somente sob sua responsabilidade na escola, o que limita os trabalhos àquelas atividades de encontrar a resposta certa nos textos.

A partir do momento em que todos os professores, de todas as disciplinas, assumirem o compromisso de trabalhar com a leitura significativa, o objetivo da escola com a formação de leitores será a construção do conhecimento.

Contudo, nas aulas de Língua Portuguesa, também, precisa haver a preocupação com a formação cidadã, e além de fornecer aos alunos o acesso ao conhecimento da língua padrão, também, é necessário mostrar como o uso da língua pode influenciar as relações de poder na sociedade, formando um aluno crítico e capaz de perceber a relação entre língua e poder.

Para isso, as aulas não podem se limitar ao estudo de regras gramaticais, ao famoso uso de um texto “como pretexto” para abordar questões estruturais.

É preciso ir além da estrutura da língua, partir para a análise social e ideológica dos textos, buscar diferentes textos não tendo como apoio nas aulas apenas o livro didático. É necessário fornecer aos alunos acesso aos textos que circulam no meio social, como jornais, revistas, propagandas, *outdoors*, enfim, textos com que os alunos se deparam diariamente e, muitas vezes, não analisam de forma crítica.

2.2 LEITURA NAS AULAS DE ARTES

Uma formação cultural e estética é direito dos alunos e dever da escola. Por meio das artes, pode-se conhecer muito sobre a formação da cultura, não somente regional, mas, também de toda a humanidade; o que acontece em muitos casos é que “[...] permanecemos analfabetos no que se refere ao mundo das imagens que fazem parte do acervo simbólico da humanidade e com a qual podemos aprender sobre o nosso passado, entender e transformar o presente e fazer projeções para o futuro.” (NEVES, 1999, p. 21).

Pensando nisso, propõe-se uma abordagem triangular para ensino de Artes nas escolas. Essa abordagem ressalta como pontos principais do ensino de Artes o fazer artístico dos alunos, a leitura da obra de arte e a contextualização histórica.

A leitura de uma obra de arte não se dá no âmbito de querer adivinhar o que o autor pretendeu representar, ou seja:

[...] não é tentar decifrar ou adivinhar de forma isenta o sentido de um texto, mas é, a partir do texto, atribuir-lhe significados relacionando-o com outros textos na busca da sua compreensão, dos seus sentidos e de outras possíveis leituras. [...] transpondo estas ideias para o ensino da arte, podemos dizer que a leitura das imagens tem objetivos semelhantes e abrange a descrição, interpretação, compreensão, decomposição e recomposição para que se possa apreendê-las como um objeto a conhecer. (NEVES, 1999, p. 22).

A leitura precisa acontecer de forma séria, com análise detalhada da obra, observando as “entrelinhas”, o que está implícito, conhecendo o contexto histórico, a vida do autor, e ter como apoio leituras anteriormente feitas sobre a obra, para então inferir novo conhecimento e proporcionar nova leitura. Sendo assim,

“[...] ler um texto pictórico é adentrar em suas formas, linhas, cores, volumes, e, particularmente, na tentativa de desvendar um código milenar que, muitas vezes, não está explícito.”(NEVES, 1999, p. 22).

Contudo, a leitura nas aulas de Artes vai além da leitura de obras conhecidas e de autores famosos, passando para a leitura de todo o universo de imagens presentes dentro e fora da escola e que fazem parte do dia a dia dos alunos, pois:

[...] os *outdoors*, faixas, placas e outras formas de propagandas nas ruas, adesivos em carros, *stickers*, figurinhas, revistas, jornais e folhetos a que as crianças têm acesso, além das janelas e ícones do computador e todo universo imagético que a internet oferece, são alguns exemplos de imagens, estáticas ou não, que exercem alguma ou muita influência na construção do nosso senso estético. Essas imagens carregam uma quantidade de informação bem maior do que aquela percebida por um olhar desatento. (NEVES, 1999, p. 23).

Sendo assim, a leitura nas aulas de Artes é mais ampla, visa a formar alunos que sejam capazes de perceber as intenções expostas e implícitas nas imagens das obras de arte e, também, naquelas presentes no seu dia a dia e compreender como essas imagens influenciam a maneira de ser e agir das pessoas, ou seja, qual o papel das imagens na formação cultural.

Portanto, é importante preparar aulas de envolvam as diferentes formas de perceber e ler o mundo pela leitura, tanto da palavra quanto da imagem.

2.3 LEITURA NAS AULAS DE HISTÓRIA

A leitura, em âmbito geral, tem importância fundamental para a formação de cidadãos e de bons profissionais, uma vez que desenvolvida de maneira significativa possibilita a autonomia diante da busca por informações e por formação e aperfeiçoamento. Isso tanto dentro da escola quanto no dia a dia das pessoas, mesmo daquelas que já não frequentam mais a escola. Na verdade, o principal foco da leitura na escola, além de possibilitar acesso a conhecimentos importantes, é formar o hábito, para que quando os alunos não a frequentarem mais continuem buscando por novas informações e conhecimentos.

No que se refere à disciplina de História, a leitura é a base para o conhecimento, pois “[...] há uma variedade infinita de materiais escritos como fonte de pesquisa e aprendizado histórico.” (NEVES, 1999, p. 111).

Percebe-se que, assim como é importante atualizar-se quanto às inovações que ocorrem de forma acelerada nos últimos anos, paralelamente é imprescindível conhecer a construção histórica da sociedade para se entender como evoluiu para chegar ao que é hoje, pois:

Não basta saber detalhes sobre a revolução de 1930 ou o episódio de Palmares, é necessário discutir o que isso significa hoje, na realidade em que o aluno vive, na construção de sua trajetória social, como isso se integra (ou não) na forma como ele vai falar do mundo que o rodeia, construindo uma modalidade original de falar sobre o mundo aqueles acontecimentos, marcada pela situação peculiar de cada um no mundo. (NEVES, 1999, p. 109).

Para isso é interessante que os professores levem para a sala de aula diversos tipos de materiais para que, por meio desses, os alunos tenham acesso às informações acumuladas ao longo da história em diversas áreas, como:

[...] cartas, bulas, decretos, diários de viagem, escrituras, certidões, notícias de jornais e revistas, legislação variada, fichas de identificação pessoal, material de arquivos, documentos pessoais (carteira profissional, identidade, certidão de nascimento, casamento e óbito, etc.) textos analíticos de diferentes autores, descrições de paisagens, relatórios de ministros, de prefeitos, de comissões encarregadas de acompanhar determinados acontecimentos, letras de músicas populares e de hinos, gráficos e conjuntos de dados econômicos, crônicas de costumes, propagandas de produtos e de eventos, etc. (NEVES, 1999, p. 111).

Como se pode perceber, a leitura nas aulas de História não se limita apenas aos livros didáticos, à história de um país ou do mundo, mas sim, pode-se fazer uso de leituras de histórias particulares dos alunos, de suas famílias, analisar a formação cultural que está presente nos escritos de sua cidade, analisando propagandas de bens de consumo e eventos e de determinadas épocas e compará-las com a atualidade, analisar os costumes das pessoas por meio de textos de diferentes épocas, enfim, há uma infinidade de materiais a serem explorados nas aulas de História, tendo como principal ferramenta a leitura significativa. Sendo assim, a leitura nessas aulas engendra um processo amplo de conhecer o mundo, perceber como foi construído historicamente, como os fatos de outros tempos e locais influenciam a

sociedade atual e perceber tudo isso de forma crítica, sendo capaz de inferir novos conhecimentos sobre como a sociedade atual está construindo o futuro.

2.4 LEITURA NAS AULAS DE GEOGRAFIA

A Geografia pode fornecer uma formação muito ampla, todavia os professores não podem ensinar a “[...] ler o mundo da geografia através de lentes apolíticas, acríticas quanto às contradições constantes na sociedade e desta com a natureza.” (NEVES, 1999, p. 66).

A leitura feita nas aulas de Geografia deve analisar a sociedade de modo geral, o cidadão em relação à sociedade, seus direitos, deveres, e, também, analisar quais eram as intenções presentes no objetivo de formar um cidadão patriota e acrítico, lembrando que “[...] ler e escrever em geografia é ler o mundo de maneira com que o aluno saiba situar-se (não só localizar-se e descrever) e posicionar-se.” (NEVES, 1999, p. 81).

Para abranger todos esses aspectos é preciso não se prender a apenas uma fonte de informação, ou seja, ao livro didático, pois “[...] a trama da realidade do mundo só se aproxima da sala de aula quando variamos as fontes de informações.” (NEVES, 1999, p. 69).

Visto desse modo, o ensino de Geografia pode ser muito mais abrangente do que se pensa, tudo depende da leitura que é feita nas aulas, da maneira como se leem os textos e o mundo, pois:

O principal objetivo do professor de Geografia de 5ª a 8ª série é fazer com que o aluno analise paisagens, represente graficamente o que observou, estabeleça comparações com outras realidades e reflita sobre suas constatações, à luz da teoria e da prática. (FERRARI, 2005, p. 60).

2.5 LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Sabe-se que é muito difícil encontrar alunos que saíram de uma escola de ensino fundamental ou médio dominando uma língua estrangeira, é preciso mais aperfeiçoamento.

Acontece em demasia, nas aulas de Língua estrangeira, nas escolas, a dependência à tradução, ao dicionário, o que torna a leitura demorada e cansativa. Os professores precisam mostrar aos alunos como fazer conexões entre as palavras que eles conhecem e o seu conhecimento de mundo para tentar entender os textos mesmo sem conhecer o total das expressões. Assim, facilitando a leitura, os alunos terão mais interesse e o aprendizado será maior, uma vez que:

Ler e escrever em uma língua estrangeira devem ser entendidos como um processo de aprendizagem, de desconstrução e de reconstrução pelo próprio aluno, onde o objeto a ser aprendido é uma nova cultura, uma nova visão de mundo, uma nova forma discursiva e não meramente um código formal linguístico a ser memorizado, totalmente distanciado da sua subjetividade. (NEVES, 1999, p. 124).

Além disso, o aprendizado de uma língua estrangeira não deve ter um fim em si, e sim deve contribuir para ampliar a visão de mundo dos alunos, pois

[...] ler e escrever em uma segunda língua, portanto, devem possibilitar ao estudante ampliar sua autonomia discursiva e seu domínio de conhecimentos, bem como sua percepção de cidadão que, ao apropriar-se dessa nova língua/linguagem e dessa nova cultura passa a ter uma visão de mundo social ampliada. (NEVES, 1999, p. 124).

Considerando que a leitura em língua estrangeira amplia a visão social de mundo, percebe-se que não pode se limitar a traduções, a entender o significado de cada palavra isoladamente, mas deve ser uma leitura que observe os aspectos sociais e culturais do país de origem, bem como os demais conhecimentos produzidos na determinada língua.

Pode-se citar também os benefícios cognitivos da aprendizagem de uma Língua Estrangeira, que estimula a criatividade e a capacidade de aprender sempre mais, de estar em constante processo de construção de conhecimento e lembrar que:

[...] a leitura em língua estrangeira não deve ser entendida como atividade passiva de decodificação de vocabulário ou de ideias específicas [...] mas como um processo dinâmico de desenvolvimento e implementação de estratégias de inferência, autopredição, autoquestionamento [...] (NEVES, 1999, p. 124).

Sendo assim, é preciso dar menos importância às pronúncias e promover a inferência do sentido das expressões e textos em Língua Estrangeira.

2.6 LEITURA NAS AULAS DE MATEMÁTICA

Para a resolução de problemas, uma das principais atividades desenvolvidas nas aulas de Matemática, leitura e interpretação são imprescindíveis. Um problema mal interpretado torna-se mais difícil, e em alguns casos, impossível de ser resolvido, por isso diz-se que “[...] a leitura da palavra, do símbolo, ou a leitura de mundo, realiza-se plenamente quando o significado das coisas que estão representadas emerge pelo ato da interpretação.” (NEVES, 1999, p. 192).

Nas aulas de Matemática, muitas vezes, trabalha-se apenas com cálculos mecânicos, não havendo construção do conhecimento, esses cálculos não são significativos, então, devem-se criar situações significativas, em sala de aula, para aplicar os cálculos matemáticos. Essas situações podem ser criadas por meio de problemas envolvendo contextos significativos para os alunos, pois “[...] na busca de compreender o que está comunicado pelo texto, ou ainda, na busca do significado dos símbolos, é preciso compreender o contexto da matemática em que se situa o conteúdo tratado e a relação desse com o mundo.” (NEVES, 1999, p. 193).

Percebe-se a necessidade de dar mais atenção para a leitura nas aulas de Matemática, já que:

A dificuldade de ler e escrever em linguagem matemática, onde aparece uma abundância de símbolos, impede muitas pessoas de compreenderem o conteúdo do que está escrito, de dizerem o que sabem de matemática e, pior ainda, de fazerem matemática. (NEVES, 1999, p. 192).

Então, tem-se mais um desafio ligado à leitura significativa, o de trabalhá-la nas aulas de Matemática, com o objetivo de tornar o ensino relevante para os alunos, não para que aprendam somente para as provas, mas para organizar sua vida, dentro e fora da escola, de acordo com as necessidades que surgirem.

2.7 LEITURA NAS AULAS DE CIÊNCIAS

Ao tratar da leitura e escrita na área específica das Ciências, precisa-se saber que essas habilidades são utilizadas desde “[...] a elaboração de questionários, de apontamentos até a interpretação e construção de representações gráficas.”(NEVES, 1999, p. 38), não basta apenas uma leitura da palavra, mas também uma leitura de situações, de experiências, de gráficos, que precisam ser entendidos, interpretados para, a partir daí, ter-se a possibilidade de nova produção, uma vez que as aulas de Ciências:

- a) levam o aluno a desenvolver a capacidade de observação e pesquisa e o raciocínio científico;
- b) despertam a consciência sobre a importância da preservação do meio ambiente e do respeito à natureza;
- c) mostram o homem como parte do universo e como indivíduo, permitem o estudo da vida, o desenvolvimento da autoestima e o respeito ao próprio corpo e ao dos outros;
- d) contribuem para a compreensão e a valorização dos modos de intervir na natureza e de utilizar seus recursos e para a compreensão dos recursos tecnológicos que realizam essas mediações;
- e) auxiliam no entendimento da saúde como um valor pessoal e social e na compreensão da sexualidade humana sem preconceitos;
- f) propiciam a reflexão sobre questões éticas implícitas nas relações entre ciência, sociedade e tecnologia. (FERRARI, 2005, p. 57).

A leitura, nas aulas de Ciências, bem como nas outras disciplinas, é uma das principais formas de aprendizagem, uma vez que “[...] a linguagem escrita pode ser considerada como um dos meios mais eficazes através dos quais a ciência constitui-se e constrói realidades.” (NEVES, 1999, p. 38).

Na escola, as aulas de Ciências devem estar voltadas à formação de alunos que sejam capazes de fazer ampla leitura de mundo, não apenas percebendo as situações que o cercam, mas também questionando e propondo perspectivas e soluções para estas. Por isso, é preciso tomar cuidado com o uso de uma linguagem que, muitas vezes, é “[...] deslocada da realidade dos alunos/as e esconde bem mais do que revela novas perspectivas de mundo.” (NEVES, 1999, p. 39), e aqui entra a questão de contextualização. Os professores precisam saber contextualizar os conteúdos a partir dos próprios conteúdos quando não há uma forma

de proporcionar a experiência, ou quando não há contato do conteúdo com a realidade concreta dos alunos.

Nesse sentido, é necessário “[...] perceber a ciência-linguagem científica como um recorte da realidade que deve ter o compromisso com o todo, estabelecendo relações significativas com as demais formas de ‘ler o mundo’.” (NEVES, 1999, p. 39).

Além de observar os fatos do cotidiano, a ciência deve proporcionar a capacidade de estabelecer uma análise crítica em relação a eles e às formas como se têm acesso a esses fatos, seja por meio de livros, revistas, seja por meio de televisão, uma vez que cada meio de comunicação é carregado de ideologias e vai atribuir seus valores ideológicos no momento de transmitir uma informação.

2.8 LEITURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Quando as pessoas ouvem falar em Educação Física, geralmente, lembram da prática de esportes. Para muitos, o estudo de Educação Física se reduz a conhecer as regras e praticar as modalidades esportivas, o que afasta de muitos o gosto pela disciplina, já que as habilidades de praticar determinado esporte não são as mesmas para todas as pessoas, assim, alguns se destacam e outros são excluídos.

Essa visão da disciplina precisa ser ampliada, pois precisa envolver tudo o que se refere ao movimento, primeira linguagem do indivíduo, sendo assim, os professores de Educação Física precisam ir além da prática de esportes e do estudo do corpo e da saúde, dando atenção ao movimento, às expressões, como construção de uma linguagem que precisa de leitura e interpretação, mesmo que:

Realizar uma reflexão sobre os processos de leitura e escrita buscando relacioná-la com o universo da educação física parece uma tarefa delicada. Pode-se constatar que tais relações são frágeis, quase inviáveis, em razão dos elementos que o senso comum oferece para avaliar a tarefa de ler e escrever. (NEVES, 1999, p. 45).

As aulas de Educação Física também podem contribuir para que os alunos desenvolvam competências que ultrapassem a teoria e a prática esportiva,

atingindo também a competência social, de saber conviver, linguística, criando modos de expressar-se, usando também o corpo e o movimento, percebendo tudo isso de forma crítica.

Vale ressaltar que a Educação Física:

- a) desenvolve habilidades motoras, como agilidade, coordenação e equilíbrio;
- b) leva ao conhecimento do próprio corpo e de seu desenvolvimento;
- c) facilita o ensino de valores como respeito, tolerância e cooperação;
- d) incentiva a adoção de hábitos saudáveis;
- e) alivia a tensão e garante um momento de lazer;
- f) possibilita o conhecimento – e, conseqüentemente, a valorização e o respeito – de diversas manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo;
- g) estimula a expressão corporal;
- h) introduz a noção de respeito às regras e ensina a reformulá-la. (FERRARI, 2005, p. 62).

Para isso, os professores podem utilizar várias ferramentas, como a leitura, discussão e reformulação das regras esportivas, a competição e a necessidade do trabalho em grupo, a valorização dos membros de um grupo, saber vencer e saber perder, e também dicas sobre cuidados com a saúde, postura, alimentação e higiene nas salas de aula, para, posteriormente, aplicar esses conhecimentos mediante atividades físicas e esportivas.

3 CONCLUSÃO

A pesquisa proporcionou aos professores a oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre a leitura, tornando-a significativa, para que os alunos tenham maior capacidade de interpretação, e os professores, a metodologia necessária para que ocorra esse processo.

A partir do momento em que os professores trabalharem com a leitura significativa, haverá uma sociedade mais autônoma; automaticamente diminuirá a dependência das pessoas quanto à informação, à saúde e, conseqüentemente, terão pessoas mais criativas no desenvolvimento de suas atividades, com gosto pela leitura e condições de interpretar os gêneros textuais com os quais interagem.

Nesse contexto, as pessoas passarão a sentir-se mais cidadãs por terem a possibilidade de saber onde buscar as informações de que necessitam em seu dia a dia, saberão como se utilizar da nova informação internalizada para melhor organizar a sua vida.

Também os leitores terão a capacidade de interpretar o mundo, a realidade vivenciada, e buscarão sempre por mais informações e mais leituras, evitando, assim, a monotonia, a depressão – doença do século, pois estarão ocupando sua mente com leituras necessárias e/ou prazerosas.

Quanto aos professores, estes estarão realizados profissionalmente quando perceberem que o interesse dos alunos aumenta e que há mais interação em sala de aula. E para os alunos, a leitura significativa também serve como estímulo para continuarem os estudos, pois perceberão a importância e a necessidade de estarem em constante evolução e aperfeiçoamento. No momento em que os alunos gostarem de ler, essa atividade pode se internalizar em suas vidas como necessidade, mas também como lazer na construção de vida mais feliz e harmoniosa.

Dessa forma, a sociedade valorizará mais os profissionais da educação, pois perceberá o verdadeiro sentido do processo de ensino-aprendizagem, e a escola não será vista somente como espaço de formação, mas como espaço de informação e construção da cidadania.

O desenvolvimento da pesquisa Leitura significativa – prática em todas as disciplinas do currículo escolar pressupõe que trabalhar com leitura e interpretação são atividades necessárias em todas as disciplinas e que todos os professores deveriam assumir o compromisso de tornar as leituras, em cada área, significativas, proporcionando:

[...] muitas e muitas oportunidades para que todos descubram que ler é uma atividade muito interessante, que a leitura nos proporciona prazer, diversão, conhecimento, liberdade, uma vida melhor, enfim. E essas oportunidades terão também de ser quantas forem necessárias para que o aluno passe a gostar de ler e por isso, contraia a necessidade da leitura e que esta vire um hábito. (NEVES, 1999, p. 15).

A leitura é significativa quando proporciona ao aluno compreender e internalizar um conhecimento relevante, que contribua para organização de sua vida dentro e fora do contexto escolar. Por isso, após o levantamento bibliográfico

acerca da realização da leitura em cada disciplina foram realizados encontros com professores para discutir sobre a pesquisa. Após essas discussões, os professores foram desafiados a realizar uma atividade e descrevê-la a fim de que fosse analisada se a leitura levou a um conhecimento significativo.

Em alguns casos, encontrou-se resistência nos professores para aceitar que precisam trabalhar com leitura e interpretação em sua disciplina. Foi o caso de alguns professores de Educação Física, outros, porém, entenderam a importância de assuntos que podem ser trabalhados a partir da leitura e interpretação.

Percebem-se, pelos trabalhos realizados, que os professores se preocupam em trabalhar com assuntos ligados à realidade e às necessidades dos alunos, proporcionando conhecimentos significativos.

Tratando da formação de leitores, compromisso de toda a escola, é importante oferecer aos alunos oportunidade de ler:

[...] tudo, desde as banalidades que possam parecer divertidas até as coisas que o professor julga que devem ser lidas para o desenvolvimento pessoal do aluno como pessoa sensível, civilizada, culta, como cidadão, para o estabelecimento de seu senso estético, de sua solidariedade humana, do seu conhecimento. (NEVES, 1999, p. 15).

Assim, perceberão que a leitura tem tanto relação com lazer e diversão quanto com o conhecimento necessário para a vida.

Ainda, é importante lembrar que:

Esta leitura de inserção do aluno no universo da cultura letrada desenvolve a habilidade de dialogar com os textos lidos, através da capacidade de ler em profundidade e interpretar textos significativos para a formação de sua cidadania, cultura e sensibilidade. (NEVES, 1999, p. 17).

Percebe-se, também, que todos os professores precisam assumir o compromisso de reverter a situação da leitura para que seja significativa, visando a formar leitores críticos, proporcionando aos alunos a importância do “[...] desenvolvimento da consciência crítica de como a linguagem reflete as relações de poder na sociedade através das quais se defrontam leitores e escritores”(MOITA LOPES, 2002, p. 143), formando alunos que sejam capazes de inferir conhecimentos e, a partir disso, interferir na sociedade, colocando em prática as teorias estudadas.

Vale ressaltar que a leitura não pode se restringir ao contexto escolar, uma vez que “[...] a tarefa do futuro é a educação permanente, ou melhor, a autoeducação permanente” (BAMBERGUER, 1998, p. 12), e os alunos, depois de saírem da escola terão necessidade de estar em contato com os novos conhecimentos que surgem, por isso precisam ser leitores ativos. Retomando a questão de proporcionar o máximo de leituras aos alunos, pode-se justificar, ainda, porque “[...] a leitura é conquistada com a experiência e não com o ensino” (SMITH, 1997, p. 13), sendo assim, quanto mais oportunidades de ler e interpretar o aluno tiver na escola, mais facilmente desenvolverá a capacidade de interpretar o que lê, inferindo novos conhecimentos, e, conseqüentemente, ele se tornará um leitor também fora da escola.

Quanto aos professores que participaram da pesquisa, percebeu-se que estão se mobilizando em prol da formação de leitores, proporcionando acesso aos conhecimentos significativos e relevantes nas aulas referentes às suas disciplinas. Quanto aos alunos, percebeu-se que estão se afastando da aversão pela leitura percebida em pesquisas anteriores, pois além de dizerem que gostam de ler, demonstraram ter interesse por variados assuntos e gêneros textuais.

Contudo, como o assunto da pesquisa foi muito abrangente, incluindo a leitura em todas as disciplinas, em suas especificidades, pode-se dizer que muito mais se tem para estudar e pesquisar em relação ao mesmo tema, contribuindo ainda mais para a formação de leitores críticos e de cidadãos que participem ativamente da sociedade, percebendo-a pela leitura dos textos que nela circulam, pela leitura de mundo de que são capazes de fazer a partir de seus conhecimentos e pela ação e transformação da mesma.

Pode-se considerar que a pesquisa foi de grande significado, uma vez que visava a proporcionar aos professores e aos alunos a oportunidade de ampliar seus conhecimentos a respeito da leitura significativa, para que os alunos desenvolvam maior capacidade de compreensão e interpretação, e, os professores, a metodologia necessária para que ocorra esse processo. Conforme pôde-se perceber pelas atividades desenvolvidas e descritas por alguns professores alcançaram-se esses objetivos, pois os conhecimentos trabalhados por meio de atividades de leitura foram relevantes e de acordo com a realidade e necessidade dos alunos.

Quando todos os professores trabalharem com leituras significativas, que ampliem o conhecimento e a visão de mundo dos alunos, haverá uma sociedade mais autônoma, criativa, o que contribuirá para a formação do hábito pela leitura.

Significant Reading – practice in all the disciplines of the school curriculum

Abstract

The present article aim to present the research entitled Significant Reading - practice in all the disciplines of the school curriculum, realized in the year of 2007, that it involved State and Municipal schools of São Miguel do Oeste, in order to discuss with the teachers of all the disciplines referring subjects to the reading, once all are used the same in your classes and they need you turn her significant for the students to understand and inside the knowledge. For make of the present researches they were applied questionnaires for teachers and students and make encounters with the teachers for discussion concerning the study on reading. Later, some teachers described activities accomplished in class room for analysis of as the reading it is worked in each discipline.

Keywords: Significant reading. Knowledge. School curriculum.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 1998.

BENCINI, Roberta. Compreender, eis a questão. Ensine a estabelecer inferência e previsão, estratégias que ajudam a entender melhor um texto. **Revista Nova Escola**, n. 160, mar. 2003. Disponível em: <http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/160_mar03/html/hora_leitura>. Acesso em: 20 set. 2007.

FERRARI, Márcio. Variar textos, a melhor receita para formar bons leitores. **Revista Nova Escola**, Abril, v. 20, n. 181, abr. 2005.

GONÇALVES, Carolina; RIBEIRO, Maria Augusta Hermengarda Wurthmann. **Da experiência da vida à experiência de leitura**. 2007. Disponível em: <<http://www.unesp.br>>. Acesso em: 20 set. 2007.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 8. ed. Campinas: Pontes, 2001.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Oficina de lingüística aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

NEVES, Iara C. B. (Org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

Recebido em 2 de julho de 2009

Aceito em 27 de agosto de 2009